

PONTO DE INFLEXÃO

Soluções
de Dentro
para Fora

21-23 de setembro
2021



GLF
AMAZÔNIA

DECLARAÇÃO DE RESULTADOS

MENSAGENS PRINCIPAIS:

1. A Amazônia deixará de existir tal como a conhecemos se o desmatamento não for interrompido.
2. O fortalecimento das áreas protegidas e dos direitos indígenas é a estratégia mais eficaz para conter o desmatamento.
3. Esforços internacionais devem ser direcionados à promoção de um modelo de desenvolvimento amazônico baseado em direitos socioambientais e no conhecimento local.
4. Os atores de cadeias de valor devem fazer do desmatamento zero um negócio socialmente inclusivo.
5. A democratização de tecnologia e dados científicos desencadeia o desenvolvimento inclusivo na Amazônia.

POR QUE A GLF AMAZÔNIA E POR QUE AGORA?

A Amazônia, a maior floresta tropical do mundo, é uma das regiões com maior diversidade cultural e biológica do planeta. O chão e as copas da floresta abrigam um décimo de todas as formas de vida conhecidas no mundo, em uma área duas vezes maior que a Índia, enquanto lutam contra o aquecimento global ao armazenar cerca **200 bilhões de toneladas** de dióxido de carbono. A Amazônia também tem significado espiritual para mais de 410 grupos étnicos, incluindo afrodescendentes e povos indígenas. No entanto, esse território vibrante onde vários atores, meios de subsistência e ideias coexistem, competem e cooperam, está chegando a um ponto de inflexão. Em algumas partes, a região já está emitindo mais CO₂ do que capturando, em meio ao círculo vicioso de desmatamento, mudança climática, seca e incêndios florestais. Cerca de 17% da cobertura florestal total foi convertida em pastagem, áreas agrícolas e para infraestrutura. Estima-se que o ponto de

“

Quero que as pessoas de fora nos ouçam e saibam que, na realidade, estamos lutando pela vida. Essa luta não é para apenas para a vida do povo amazônico, mas para toda a humanidade que vive neste planeta.



Nemonte Nenquimo

Líder do povo Waorani da Amazônia equatoriana

inflexão aconteça com o desmatamento total de cerca de 20% a 25% da Amazônia. Para evitá-lo, o mundo precisa agir agora!

A GLF Amazônia ocorreu em um momento crucial de um calendário marcado por vários eventos importantes, como a Conferência das Nações Unidas sobre Mudança Climática (COP 26) em Glasgow este ano, e em 2022, o 30º aniversário da Cúpula da Terra, realizada em 1992 no Rio de Janeiro. Os eleitores em alguns países amazônicos estão decidindo sobre seus futuros políticos e ambientais. Recentemente, o Peru elegeu um novo presidente, e a Colômbia e o Brasil devem ir às urnas no ano que vem.

Nesse contexto, o Fórum Global de Paisagens (GLF) realizou sua conferência digital **GLF Amazônia: O Ponto de Inflexão – Soluções de Dentro para Fora** de 21 a 23 de setembro de 2021, para conhecer as opiniões dos Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais (PCTs); Povos Afrodescendentes (PADs); organizações de agricultores, de conservação, desenvolvimento e outras organizações da sociedade civil; líderes comunitários; pesquisadores; formuladores de políticas; investidores financeiros e representantes do setor privado; grupos de jovens; grupos de mulheres; ativistas; e outros atores locais e globais. A mensagem deles foi clara: a proteção da Amazônia é crucial para mitigar a crise climática global e a sobrevivência das comunidades locais, tradicionais e indígenas na Amazônia.

O QUE ACONTECEU NA GLF AMAZÔNIA?

Mais de 5.800 participantes inscritos de 112 países sintonizaram a conferência, que atingiu 27 milhões de pessoas nas redes sociais. Cerca de 3.000 jovens se inscreveram. Mais de 40 jovens falaram em sessões da GLF Amazônia. Isso inclui, mas não está limitado a, nove sessões lideradas por jovens realizadas em português ou espanhol.

O GLF Amazônia contou com 278 palestrantes, incluindo **Benki Piyãko**, líder da comunidade Asháninka; **Leila Salazar-Lopez**, diretora-executiva da Amazon Watch; **Manuel Pulgar**

Vidal, ex-ministro do Meio Ambiente do Peru; **Jazz Mota**, diretora do Festival de Cinema Ava Amazônia, e uma série de outros atores de destaque.

O **Festival de Cinema da Amazônia** aconteceu diariamente, com a exibição de documentários e sessões de perguntas e respostas com cineastas da região. Mais de 60 jornalistas participaram de um seminário sobre denúncias de crimes ambientais organizado juntamente com a Mongabay Latam, com especialistas e jornalistas do World Resources Institute, do Centro Boliviano de Documentação e Informação (CEDIB), e do povo Kichwa de Sarayaku na Amazônia equatoriana, entre outros.

As **plataformas de lançamento** do GLF Amazônia apresentaram os resultados de projetos de sucesso liderados localmente. Um desses projetos apresentou jovens contadores de histórias da comunidade de Madre de Dios, Peru, que apresentaram documentários de curta-metragem retratando suas histórias de pobreza, sofrimento e ativismo para proteger a floresta que é o seu lar.

Quer mais? Confira as sessões ou baixe o White Paper

 [Baixe o White Paper](#)

 [Sessões transmitidas via streaming](#)

ENGAJAMENTO LOCAL: UM PASSO ADIANTE

DESTAQUES DO EVENTO:

- Mais de 50% das sessões e plenárias foram organizadas ou coorganizadas por organizações baseadas em um dos nove países amazônicos (Brasil, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana Francesa), abordando as identidades bioculturais do bioma.
- Grupos indígenas e afrodescendentes deram o tom dos debates com plenárias especiais:



51

Sessões em três idiomas



278

Palestrantes



214

Palestrantes das nove regiões amazônicas



135

parceiros



77%

de participantes da América Latina & Caribe



15,000+

Sessões, plenárias e lançamentos foram assistidos mais de



27 milhões

de pessoas alcançadas pelas mensagens principais nas redes sociais



5,833

Participantes inscritos de mais de 115 países



57%

de participantes registradas eram mulheres

representando a diversidade e complexidade das realidades culturais e geopolíticas da Amazônia.

1. Vozes das paisagens: garantia de direitos para paisagens sustentáveis
 2. Vozes das paisagens: novos paradigmas para as relações homem-natureza
- Um resultado importante da GLF Amazônia foi o lançamento de uma chamada urgente à ação, intitulada: “A vida é uma e está em nossas mãos” (disponível em [inglês](#), [espanhol](#) e [português](#)). Essa chamada foi desenvolvida por várias organizações da sociedade civil representando vozes locais, indígenas e afrodescendentes, e endossada por organizações locais e globais. A declaração é resultado do processo de engajamento local na região amazônica. Ela convoca todos os governos, líderes empresariais e investidores nos países amazônicos, e aqueles que importam, consomem ou comercializam produtos da Amazônia, a agirem agora para proteger o bioma e seus povos.

A declaração convida a uma ação urgente para manter todas as funções ecológicas, a diversidade e a beleza da Amazônia, e para proteger sua população de mais de 30 milhões de pessoas.

Desde a sua criação em 2013, o GLF tem trabalhado em estreita colaboração com jovens, representantes indígenas e outros grupos locais para apoiar a implementação [abordagens territoriais ou de paisagens](#) sustentáveis para resolver os desafios de desenvolvimento mais urgentes de nosso tempo. Esses desafios incluem:

- a. Combater a insegurança da posse de terra, os direitos comunitários e de gênero;
- b. Abordar a insegurança alimentar, o declínio dos meios de subsistência rurais e dos padrões de saúde;
- c. Restaurar ecossistemas degradados;
- d. Proteger e conservar paisagens biodiversas; e
- e. Promover cadeias de valor sustentáveis e o uso responsável dos recursos naturais.

O GLF tem sido um acelerador do diálogo, incorporando comunidades locais e indígenas, seus conhecimentos e práticas, bem como tecnologias inovadoras baseadas na ciência e investidores.

GLF Amazônia é um novo marco na conexão entre atores locais e nacionais, reconhecendo suas realidades socioculturais e incluindo-os no diálogo político global. Através de um trabalho de seis meses com especialistas locais do [Comitê de Conhecimento do GLF Amazônia](#), fizemos extensa divulgação local e engajamento para a socialização da GLF Amazônia. Em uma série de workshops de cocriação, envolvemos representantes de institutos de pesquisa, ONGs ambientalistas, ONGs para os direitos dos PCTs, PADs, organizações de jovens, e organizações religiosas do Brasil, Peru, Colômbia e Equador. Juntos, garantimos que suas necessidades, ambições e visões de um futuro seguro e próspero para eles e suas famílias foram representadas na agenda do evento pelas vozes mais fortes de suas comunidades.

“

Se não mudarmos o caminho atual, atingiremos uma perda de 20% a 25% da cobertura florestal até o final desta década. Se perdermos a Amazônia, a temperatura global pode aumentar até 0,25°C e o Brasil pode perder 25% de suas chuvas. Não podemos permitir isso. É hora de agirmos para reverter essa tendência, ao parar o desmatamento e a degradação florestal, e tornando a Amazônia a força motriz de ação, prática e inspiração para o planeta, onde as pessoas e a natureza podem prosperar juntas.



Tasso Azevedo
Coordenador do MapBiomias

MENSAGENS-CHAVE

Espera-se que as principais mensagens apresentadas nesta declaração informem e influenciem as discussões e os processos políticos em andamento.

1. A Amazônia deixará de existir tal como a conhecemos se o desmatamento não for interrompido.

É inquestionável que a Amazônia corre o risco de deixar de ser uma floresta tropical, pois as taxas de desmatamento, combinadas com o aumento das temperaturas, instabilidade sazonal e incêndios florestais, não mostram sinais de desaceleração. O bioma amazônico luta para produzir sua própria chuva e mostra sinais de *dieback* (declínio) – perdendo sua função de floresta geradora de água. Esse é o ponto de inflexão para a Amazônia, e seus estágios iniciais já estão em andamento.

“

Os líderes globais têm a responsabilidade fundamental de manter as áreas protegidas e apoiá-las com políticas públicas que valorizem as culturas locais, os meios de subsistência tradicionais e a existência de seu povo!



Ângela Mendes

Ativista socioambiental e coordenadora do Comitê Chico Mendes

Em julho de 2021, **Luciana Gatti**, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), foi a autora principal de um **estudo** que ganhou as manchetes em todo o mundo, com a descoberta de que partes da Amazônia agora emitem mais carbono do que capturam a cada ano. Gatti foi palestrante em várias sessões no GLF Amazônia, traçando conexões entre a Amazônia e seus biomas vizinhos e explicando as consequências de um ponto de inflexão na região.

2. O fortalecimento das áreas protegidas e dos direitos indígenas é a estratégia mais eficaz para conter o desmatamento.

As áreas protegidas são a maneira mais eficaz, barata e justa de deter o desmatamento, como mostram as evidências no **último relatório** da FAO (Organização para Alimentação e Agricultura da ONU) liderado por **David Kaimovitz**, um dos palestrantes do GLF Amazônia. Com base em uma análise das abordagens que se mostraram eficazes nas últimas décadas, um conjunto de investimentos e políticas é proposto para adoção por financiadores do clima e tomadores de decisão de governo em colaboração com povos indígenas e grupos locais. Essas medidas incluem o fortalecimento dos direitos territoriais coletivos, a compensação pelos serviços ambientais que prestam, e o fortalecimento da governança territorial e das organizações locais. Esses investimentos poderiam reduzir significativamente as emissões de carbono esperadas a um baixo custo, além de oferecer muitos outros benefícios sociais e ambientais.

Mas os territórios indígenas, que cobrem **35% do bioma** e estão entre os mais protegidos, permanecem sob ameaça de grileiros, do desenvolvimento de infraestrutura e outros meios de exploração, além dos efeitos da mudança climática e da degradação ambiental induzida pelo homem.

A pandemia de COVID-19 também aumentou as ameaças aos povos indígenas, deixando mais visível seu acesso

insuficiente à saúde e a falta de condições para defender suas terras. Durante a conferência, o líder indígena **Aventino Tiriyo** descreveu como seu povo sofreu com os casos de COVID-19, apesar de estarem relativamente isolados na floresta do norte do Estado do Pará, em Terras Indígenas apenas acessíveis por avião. “Nossos direitos são ameaçados de uma forma diferente, e eles são diretamente ameaçados pela falta de assistência médica,” disse ele.

Líderes e organizações indígenas convocaram líderes globais para enfrentar a emergência de proteger a Amazônia e suas terras indígenas. A proteção e a sustentabilidade da riqueza biológica e cultural da Amazônia dependem da segurança jurídica, do reconhecimento e da proteção dos direitos, por meio da representação política direta através de processos democráticos.

3. Esforços internacionais devem ser direcionados à promoção de um modelo de desenvolvimento amazônico baseado em direitos socioambientais e no conhecimento local.

Embora a importância da Amazônia para a mudança climática e a biodiversidade atraia muita atenção internacional, muitas vezes esquecemos que a região ainda está entre as mais pobres do planeta. Durante décadas, ela foi vista como pouco mais do que uma exportadora de commodities como carne bovina, soja, minério e madeira. Os amazônidas foram obrigados a aderir a um modelo econômico baseado na conversão de florestas em outros usos de terra, como se não houvesse alternativa econômica. Embora os mercados de carbono, as commodities de desmatamento zero, e outras alternativas podem ser importantes para reduzir o desmatamento e gerar alguma prosperidade econômica, a melhor maneira de mudar o cenário atual é encontrar um caminho de desenvolvimento da Amazônia que gere valor para o povo da Amazônia, baseado em florestas saudáveis, nos valores e tradições locais.

No GLF Amazônia, os participantes ouviram empresários, chefes de associações de produtores e líderes locais

“

Em um mundo ameaçado pelas mudanças climáticas, a busca por uma economia mais ecologicamente correta não é uma opção: é uma obrigação de cada um de nós.



Noelia Trillo

CEO da Forest Bambu



“Tecendo o Rio” é uma imagem das crianças do povo Ticuna e de sua estreita relação com o Rio San Pedro de Los Lagos, Amazonas, Colômbia. Foto de Yair Suárez Salazar

como **Daniel Larrea**, **Isabel Castillo** e **Sara Hurtado**, e a mensagem foi unânime. A Amazônia tem um enorme potencial para abastecer os mercados regionais e globais com frutas tropicais, bem como ingredientes e produtos para a crescente indústria orgânica de cuidados pessoais, que deve chegar a **US\$ 23,6 bilhões** até 2027. A castanha do Pará, o açaí e a fruta de palma contribuem para os meios de subsistência locais e, quando cultivadas de forma sustentável, geram renda, enquanto ajudam a preservar as florestas. No entanto, apesar desse potencial, a participação da Amazônia no abastecimento global é muito pequena.

A Amazônia precisa de uma forte coalizão que promova a inovação científica, capacitação e o desenvolvimento de mercado para apoiar empresários e comunidades locais a aumentar a produção de produtos já comerciais e desenvolver novos produtos. Isso deve ser catalisado por um forte influxo de investimento público e privado. O mundo inteiro precisa estar envolvido. Alguns desses investimentos deverão ser canalizados para **fundos comunitários**, como o **Fundo Dema** e o **Fundo Babaçu**, que têm sido muito bem-sucedidos no apoio ao desenvolvimento comunitário, combinando o conhecimento tradicional das comunidades com a formação acadêmica das gerações mais jovens.

É fundamental que o conhecimento local seja um ingrediente-chave do caminho de desenvolvimento da Amazônia. Como muitos palestrantes da GLF Amazônia – como **Romier da Paixão Sousa** e **Eduardo Góes Neves** – mencionaram, as práticas empregadas pelos povos

indígenas da Amazônia até hoje servem como um exemplo perfeito de como a produção de alimentos pode e deve ser combinada com a conservação da biodiversidade. Ao combinar vários cultivos, animais e árvores com diferentes arranjos espaciais e sazonais, os usuários da terra – incluindo os povos antigos e os agricultores modernos – planejam suas áreas de produção para imitar os processos naturais. Isso leva a colheitas e animais mais produtivos, bem como a ecossistemas mais saudáveis.

“

As commodities não são boas ou ruins, sua produção ou a forma de uso da terra podem ser o problema. Como tal, o objetivo não é reduzir nada por causa das commodities. Em princípio, deveríamos mudar os padrões de consumo e produção.



Hugo-Maria Schally

Chefe da Unidade de Cooperação Ambiental Multilateral da Comissão Europeia

4. Os atores de cadeias de valor devem fazer do desmatamento zero um negócio socialmente inclusivo.

À medida que a expansão de terras agrícolas leva ao desmatamento e ameaça os direitos e meios de subsistência dos povos indígenas e comunidades locais, esforços significativos foram feitos na última década por empresas e países consumidores para eliminar o desmatamento causado pela produção de commodities como soja, carne bovina, cacau e café. Precisamos fortalecer esse movimento, em particular, apelando a mais atores privados para que adotem compromissos, e incentivando metas mais ambiciosas e mais rápidas. Governos e corporações desempenham um papel fundamental na implementação de mecanismos de rastreabilidade ao longo da cadeia de abastecimento. Enquanto isso, projetar e implementar incentivos para recompensar commodities com padrões socioambientais mais elevados é vital para promover mudanças.

No entanto, o desenvolvimento de regulamentações ambientais mais rigorosas (como a União Europeia está fazendo) para commodities sem considerar atores e dinâmicas locais mais amplas não reduz necessariamente o desmatamento e pode induzir uma série de incentivos perversos, como mencionado por vários palestrantes do GLF Amazônia. Por exemplo, na Amazônia brasileira, cerca de 600.000 pequenos produtores podem não conseguir cumprir os regulamentos ambientais da UE; na Amazônia peruana, existem cerca de 450.000 pequenos produtores na mesma situação. Se essas pessoas não forem apoiadas pelos governos através de medidas adequadas para facilitar a rápida adoção de padrões e melhores práticas, elas correm o risco de serem excluídas dos potenciais benefícios do comércio internacional e serão tentadas a exercer atividades econômicas ilegais, disse **Marcello Brito**, que lidera a Coalizão Brasil Clima, Floresta e Agricultura. Condenar as pessoas à exclusão do mercado também fortalece as narrativas antiambientais associadas à pobreza e aos interesses geopolíticos, que criam as condições para que políticos menos amigos da floresta sejam eleitos, segundo **Daniel Nepstad**, Diretor Executivo do Earth Innovation Institute.

5. A democratização de tecnologia e dados científicos desencadeia o desenvolvimento inclusivo na Amazônia.

A revolução tecnológica oferece imensas oportunidades para promover mudanças na Amazônia – por exemplo, apoiando empresas para monitorar fornecedores ou povos indígenas para proteger suas terras. Avanços como satélites de observação da terra e sistemas de informação geográfica (SIG) estão desempenhando um papel cada vez mais importante na redução das emissões de gases de efeito estufa, através do monitoramento do desmatamento, incêndios e redes de áreas protegidas. SERVIR, uma iniciativa da NASA que fornece aos países em desenvolvimento imagens de satélites para informar decisões sobre uso da terra, oferece informações com uma “profundidade sem precedentes” para o planeta em mudança, de acordo com **Gavin Schmidt**, consultor sênior da NASA sobre mudanças climáticas. Embora essas tecnologias não forneçam soluções, elas oferecem informações importantes e suporte para impulsionar soluções políticas. Tornar esses dados disponíveis através de sua democratização é a base para um nível equitativo para todos os atores, especialmente os grupos marginalizados, como observaram vários cientistas, incluindo **Louis Verchot** e **Ane Alencar**.

Dispositivos tecnológicos, especificamente aqueles com acesso à internet – como telefones celulares e computadores – já estão ajudando povos indígenas como os Waorani no Equador, permitindo-lhes documentar transgressões e injustiças, acessar conhecimento científico, registrar o conhecimento tradicional, obter financiamento e demarcar suas próprias terras. A tecnologia também pode ajudar a transferir mensagens para as autoridades e traduzir o conhecimento e as preocupações indígenas em ações, que podem ser difundidas pela mídia e ONGs para influenciar agências e empresas estatais, disse **Lorenzo Pellegrini**, professor associado de economia do meio ambiente e desenvolvimento na *Erasmus University* em Roterdã. Outro avanço importante no papel da tecnologia é o uso de dados de satélite para ajudar a reforçar iniciativas como a **Moratória da Soja na Amazônia brasileira**. Como mencionado por **Patricia Sugui**, gerente de sustentabilidade da produtora de alimentos CJ Selecta, isso reduziu significativamente o desmatamento ligado à soja, que tem afetado frequentemente as Terras Indígenas na última década.

Global Landscapes Forum

O Global Landscapes Forum (GLF) é a maior plataforma do mundo focada no uso integrado da terra, dedicada a alcançar os objetivos de desenvolvimento sustentável e o Acordo de Paris sobre mudanças climáticas. O GLF adota uma abordagem holística para criar paisagens sustentáveis que sejam produtivas, prósperas, equitativas e resilientes, e que considerem cinco temas coesos sobre iniciativas de alimentação e meio de subsistência, restauração de paisagens, direito, finanças e mensuração de progresso. Liderada pelo Centro Internacional de Pesquisa Florestal (CIFOR – Center for International Forestry Research) em colaboração com seus cofundadores: Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), o Banco Mundial e Membros Fundadores.

Membros Fundadores: CIAT, CIFOR, CIRAD, Climate Focus, Conservation International, Crop Trust, Ecoagriculture Partners, The European Forest Institute, Evergreen Agriculture, FAO, FSC, GEF, GIZ, ICIMOD, IFOAM – Organics International, The International Livestock Research Institute, INBAR, IPMG, IUFR, Rainforest Alliance, Rare, Rights and Resources Initiative, SAN, TMG–Think Tank for Sustainability, UNEP, Wageningen Centre for Development Innovation part of Wageningen Research, World Farmer Organization, World Agroforestry, World Bank Group, World Resources Institute, WWF International, Youth in Landscapes Initiative (YIL).

Parceiros financiadores



Federal Ministry
for the Environment, Nature Conservation
and Nuclear Safety



Federal Ministry
for Economic Cooperation
and Development



FORD
FOUNDATION



THE GOVERNMENT
OF THE GRAND DUCHY OF LUXEMBOURG



Parceiros de mídia



MONGABAY
NEWS & INSPIRATION FROM NATURE'S FRONTLINE



RádioWeb
UFPA



SciDevNet



waterbear
NETWORK



TV UFAM



Parceiro de tecnologia



inwink

Apoio

